



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

CULTURA DO ESTUPRO: A DESCONSTRUÇÃO DAS CATEGORIAS SOCIAIS DA MULHER

Taís de Souza Leite¹

1- INTRODUÇÃO

Este trabalho sobre a cultura do estupro visa apresentar elementos para a desconstrução das formas de violência contra a mulher.

A cultura do estupro tem levado à naturalização dos comportamentos² e assédios sexuais contra a mulher. Desta forma, sustentando a estrutura patriarcal na sociedade atual, legitimando as formas de violência. Sendo assim, a violência sexual de forma que controla do corpo e vida da mulher. Além disso, na cultura do estupro que ampara por meio de mecanismos de poder, levando a culpabilização da vítima, de tal maneira que há objetificação do corpo da mulher, tais elementos alimentados pela grande mídia por meio das propagandas publicitárias de cervejas³.

Esta pesquisa tem como objetivo principal estudar os processos que naturalizam a cultura do estupro na sociedade, e as categorias como poder, hierarquia e patriarcado, que condicionam as mulheres aos mecanismos de aceitação e replicação de conceitos que normalizam o estupro com bases nas estruturas e construções sociais sobre gênero e sexualidade.

A sexualidade da mulher é colocada em discussão na cultura do estupro de forma que gera o debate sobre as crenças religiosas, morais, no qual há culpabilização da vítima.

¹ Bacharel em Jornalismo pela Faculdade Interamericana de Porto Velho – UNIRON. É graduanda em Ciências Sociais e aluna do curso de Especialização (Lato Sensu) em Segurança Pública e Direitos Humanos pela Universidade Federal de Rondônia – UFRO, militante do Movimento feminista e do Levante Popular da Juventude (LPJ).

² A “cultura do estupro” gera é uma naturalização desse comportamento e a naturalização da manutenção de formas de violência simbólica, dominação patriarcal, domínio sobre o corpo e sexualidade feminina.

³ As propagandas utilizam a beleza feminina para estamparem slogans e com isso chamarem a atenção do consumidor. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII, São Paulo, 2013.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Desta forma, assume-se ser a mulher responsável pelo ocorrido, sendo comuns questionamentos, após episódios nos quais sofreram algum tipo de abuso e/ou violências, tais como: O que você fazia na rua naquela hora? Que roupa usava na situação?, dentre outros. Tal conjunto de questões parte do pressuposto haver sido a mulher o elemento responsável pela própria violência, havendo sido ela quem provocou sexualmente o homem. Esse contexto é provocado pela desigualdade de gênero, onde perpassa a desumanização da mulher e a objetificação do seu corpo.

As formas de violência contra a mulher estão inseridas no contexto cultural, no qual o patriarcado se fortalece nessas estruturas de opressão e propriedade.

A metodologia adotada será o levantamento bibliográfico, buscando o mapeamento de paradigmas e matrizes de pensamento que trabalhem a cultura do estupro e/ou a culpabilização da vítima em casos de violência contra a mulher. Buscar-se-á proceder, aqui, também a avaliação de dados e observação das notícias como são veiculadas na mídia. Para isto, será realizada coleta de notícias sobre casos de estupro na mídia, dados que apresentam casos de violência sexual contra a mulher. O trabalho de campo se desdobrou em três ações específicas de abordagem, na leitura de trabalhos que trazem as questões do feminicídio, estupro e violência contra a mulher. A correlação nestas três temáticas é a relação da perpetuação da forma de violência à contra a mulher.

Diante desse conjunto de fenômenos e das inquietações surgidas durante minha militância feminista e social nos casos de notícias veiculadas recentemente na grande mídia de casos de estupros coletivos; nota-se como os debates sobre a temática suscitavam no imaginário social na responsabilização da vítima. Rost e Vieira (2015) descrevem que há uma “perspectiva na crítica feminista amparada na categoria cultura do estupro como forma de denúncia pública desta violação” (p. 261). Durante esse percurso, pesquisas de segurança pública e violência contra a mulher eram amplamente divulgadas e eram temas de matérias jornalísticas, mas não traziam elementos profundos dos reais problemas sociais que levam à cultura do estupro.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Um dos propósitos deste texto também é ampliar o debate sobre essa temática e instrumentalizar os movimentos sociais que atuam na defesa dos direitos humanos, visando o compromisso social.

2- A CULTURA EPISTEMOLÓGICA E AS CATEGORIAS SOCIAIS SOBRE A MULHER

Para nos debruçarmos sobre o conceito de cultura a partir da epistemologia e no que tange as categorias sociais sobre a mulher. Partimos aqui da noção de Cultura de Max Weber, como categorias epistemológicas na concepção de cultura, tal como:

A realidade empírica é cultura para nós porque e na medida em que a relacionamos com ideias de valor. Ela abrange aqueles e somente aqueles componentes da realidade empírica que através desta relação tornam-se significativos para nós. Uma parcela ínfima da realidade individual que observamos em cada caso é matizada pela ação de nosso interesse condicionado por essas ideias de valor (WEBER, 2001, p. 127).

É a partir da contextualização do conceito de cultura e da epistemologia nas ciências sociais, de uma realidade empírica associada na construção de conceitos individuais, e termos que incorporamos a ideia de cultura do estupro, na imputação de valores e significações sobre as categorias sociológicas, neste caso sobre a mulher.

Segundo Mariana Rost e Mirian Vieira (2015) descrevem em seu trabalho, que “a noção de violência sexual é atravessada por moralidades relativas a convenções de gênero e sexualidade que interferem na percepção dos direitos individuais das mulheres” (p. 261). Este conceito aparece como fator e princípio explicativo do comportamento humano situado como conduta requerida de validade na sociedade.

Quando nos referenciamos à cultura do estupro, termo utilizado pelos movimentos feministas, de combate ao estupro, violência cometida contra a mulher e no corpo da mulher, nas formas de violência sexual. Estamos situando os



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

imputação da culpa pelo ato à própria vítima (ao mesmo tempo em que coloca o algoz como vítima); e pela reprodução da estrutura e simbolismo de gênero. (CERQUEIRA; COELHO, 2014, p. 2)

Percebemos que o machismo reproduz a violência de maneira imperceptível, ainda colocando a mulher em condição de propriedade do homem. Sendo assim, perpetuando o mecanismo de legitimidade e alimentando a naturalização do estupro contra a mulher.

A violência sexual, segundo dados da revista Fórum Brasileiro de Segurança Pública que apresentam os dados, que cerca de 47.646 casos de estupros foram cometidos no país em 2014, ainda considerando que em média apenas 35% dos crimes sexuais são notificados, e no Brasil o estupro é crime hediondo. Desta forma, percebemos que os dados nos mostram que a violência sexual existe no país, precisa ser combatido socialmente, culturalmente e institucionalmente.

3.1- CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA

Os mecanismos de culpabilização da vítima se dão, pela construção de aceitação e replicação de conceitos que normalizam o estupro com bases nas questões que tangem a relação de gênero e sexualidade. Também, a cultura do estupro perpassam as categorias de poder, hierarquia e patriarcado. Como podemos ver na citação de Rost (2015),

“a culpabilização das mulheres em casos de violência sexual: agressão passa a ser responsabilidade delas, que a legitimaram a partir de suas decisões de como se vestir, se comunicar ou viver a sua vida, especialmente no campo sexual e afetivo” (p. 262).

A sexualidade da mulher é colocada em discussão na cultura do estupro de forma que gera o debate sobre as crenças religiosas, morais, no qual há culpabilização da vítima. De forma, que a mulher é responsável pelo ocorrido, sendo apresentados com tais questionamentos apresentados acima.

